

“Ataque Desencadeado!”

O Estranho Incidente de 5 de Outubro de 1960

*Durante alguns poucos segundos, a tensão foi indescritível.
Tudo levava a crer que a guerra nuclear havia começado*

John G. Hubbell

MINUTOS DE TERROR. Êste cabeçalho característico, publicado no *Post and Times Herald* de Washington, representou outros tantos que surgiram nos jornais de todo o mundo, em dezembro do ano passado. Referia-se aos acontecimentos sucedidos oito semanas antes, quando o mais poderoso sistema de radar já concebido informou, “com 99,9% de certeza”, que fôra desencadeado o ataque de um míssil balístico contra o continente norte-americano. Algarismos fatídicos se acenderam na Sala de Operações do QG do Comando de Defesa Aérea da América do Norte (NORAD), em Colorado Springs. Não se tratava de exercício. Fazia-se necessário decidir imediatamente se se deveriam iniciar as medidas para o desencadeamento do poder de retaliação dos Estados Unidos contra a U.R.S.S.

Essa decisão foi tomada. Os aviões e os mísseis norte-americanos não saíram do solo. E o ataque jamais se realizou.

O que aconteceu exatamente naquele terrível dia de outubro? Eis aqui um relatório que deve inspirar confiança não só no equipamento norte-americano, mas também nos homens que controlam o seu emprego. Tivemos a prova de que o perigo de uma “guerra acidental”, provocada pelos Estados Unidos, é em realidade mínimo.

A HISTÓRIA começa em Tule, na Groenlândia, onde quatro antenas de radar, cada uma com 50 metros de altura e 120 metros de comprimento, se orientam para várias direções, perscrutando milhares de quilômetros através do tópo do mundo e penetrando profundamente na

União Soviética. Essas antenas fazem parte do BMEWS (Sistema de Aviso Antecipado Distante Contra Mísseis Balísticos)—um complicado sistema de radar, destinado a fornecer o máximo de alerta no caso de um ataque intercontinental de mísseis.

O BMEWS opera com dois grupos de radar em níveis diferentes. O de nível inferior tem por fim detectar um objeto tão logo êle surja acima do horizonte, determinar sua posição e transmitir o aviso ao Quartel-General do NORAD. Segundos depois, quando o objeto passar para o campo do radar de nível superior, sua posição será registrada outra vez. As duas leituras serão instantaneamente comparadas por meio de computadores, calculada a trajetória do míssil, deduzido de onde êle foi lançado e onde e quando cairá, sendo tôdas estas informações transmitidas de imediato para a Seção do Painel—um enorme mapa plástico da Eurásia, com 4,25 m de lado, existente na Sala de Operações do NORAD.

Acima do mapa encontra-se um indicador do grau de alarma. Acendendo-se a luz vermelha do número “1”—o que aconteceu no dia 5 de outubro—isso quer dizer que o BMEWS está transmitindo: “Ocorre algo que nos deve preocupar. Convoquem o Estado-Maior de Batalha. Mantenham atenta vigilância.”

Acender-se o “2” significa: “Contato confirmado. Fiquem em condições de agir dentro de segundos.”

No grau “3” de alarma, o sistema

está avisando: “Há certeza de algo que se dirige para aí. Estamos verificando se não se trata de um rastro de meteoro, de aurora boreal ou qualquer tipo de perturbação interestelar. Sugerimos que convoquem a Junta de Chefes de Estado-Maior em Washington, o Comité de Chefes de Estado-Maior em Ottawa e o Comando Aéreo Estratégico Norte-Americano (SAC) em Omaha.” (No Quartel-General do SAC há também uma Seção do Painel, mantida sob constante observação por meio de televisão de circuito fechado.)

Ao acender-se o número “4”, significará: “Há evidência de ataque iniciado. Aconselhamos que se acione o dispositivo de defesa e que se alerte o SAC para que prepare o lançamento de seus Mísseis Balísticos Intercontinentais (ICBM); faça-se decolar os bombardeiros e libere-se a fôrça de alerta aeroterrestre.”

O alarma de grau “5” traduz-se como: “Há 99,9% de certeza de que foi desencadeado ataque de ICBM!”

Simultaneamente, outro indicador na Seção do Painel—o de estimativa da incursão—estaria assinando o vulto e a fôrça do ataque. Um terceiro indicador—preditor de impacto—mostraria quais os pontos do continente norte-americano que seriam atingidos. Um quarto indicador avisaria o tempo restante, isto é, dentro de quantos minutos o míssil deveria atingir o alvo.

Na mesma ocasião surgiriam sôbre o mapa da Eurásia grandes elipses, delimitando as áreas gerais de lança-

mento dos mísseis; ao lado dêste, em outro imenso mapa da América do Norte, seriam assinaladas as regiões dos alvos. À medida que o ataque progredisse, os computadores do BMEWS reveriam seus cálculos continuamente e em frações mínimas de segundo; as elipses tornar-se-iam cada vez menores, até estabelecerem, com precisão, os pontos de lançamento na Eurásia e os alvos específicos na América do Norte.

O Estado-Maior de Batalha do NORAD, integrado por 20 especialistas de elevada hierarquia da defesa aérea norte-americana e canadense, é treinado constantemente para enfrentar alertas de surpresa. A ordem que emana da Sala de Operações chega através de telefones vermelhos existentes no gabinete e na residência de cada um dos membros do Estado-Maior, ou por vários outros sistemas de comunicação, onde quer que o destinatário se encontre. Êste—ou seu substituto credenciado—poderá achar-se em local onde não possa ser avisado no mesmo instante. As palavras-código são “Coca Color”, significando: “Venha *imediatamente!*”

Às 15h e 15m do dia 5 de outubro de 1960 os telefones vermelhos soaram e o Estado-Maior de Batalha recebeu do Coronel-Aviador Robert L. Gould, oficial de serviço na Sala de Operações, a mensagem: “Coca Color *mesmo!*” Desta vez não se tratava de um exercício!

Na Sala de Operações, o Estado-Maior de Batalha encontrou o indicador do grau de alarma aceso no

número “3”, logo depois no “4”, em seguida no “5”. Isto significava o desencadeamento de um ataque maciço de ICBM. Os números no indicador da estimativa da incursão eram cada vez mais altos. Estranhamente, porém, nem o preditor de impacto nem o indicador do tempo restante denunciavam qualquer anormalidade; de igual maneira, não apareciam as elipses nos mapas da Eurásia e da América do Norte. Os momentos foram de tensão e expectativa. Não se podia perder um único segundo em conjeturas; se o ataque tivesse sido desencadeado, todo o armamento de defesa deveria ser pôsto *imediatamente* em ação e as forças de retaliação precisavam ser liberadas. Mas antes era indispensável haver completa certeza de que o ataque fôra realmente desencadeado.

O Comandante-Chefe do NORAD, General Laurence S. Kuter,* da Fôrça Aérea Norte-Americana, encontrava-se então a bordo do seu C-118, a 5.500 metros sôbre Dacota do Sul, regressando de uma viagem de inspeção. Ficava respondendo por suas funções o Marechal-do-Ar C. Roy Slemon, canadense e Subcomandante-Chefe do NORAD.

A primeira pergunta de Slemon foi dirigida ao Brigadeiro-do-Ar Harris B. Hull, chefe de informações do NORAD:

—Onde está Khrushchev?

—Na Cidade de Nova York—replicou Hull.

* Ver “Sentinela Alerta na América do Norte”, Seleções, dezembro de 1960.

—O senhor dispõe de qualquer indício que tenda a confirmar os relatórios do radar?

—Nenhum, brigadeiro.

Rápida, mas calmamente, Slemon analisou a situação. Parecia inconcebível que a União Soviética lançasse um ataque estando Khrushchev em Nova York. Era ainda mais inconcebível que o General Hull não tivesse recebido um único indício de que tal ataque estava prestes a desencadear-se.

Hull e os oficiais de seu estado-maior têm sempre à mão uma variedade enorme de relatórios enviados por meia dúzia de agências diferentes. O serviço de informações do NORAD sobre as possibilidades militares e as atividades do mundo comunista é tão completo e tão atualizado quanto seria de desejar. O Estado-Maior do NORAD está convicto de que a montagem de um ataque de surpresa deve ser precedida de certos indícios. Quais são êstes indícios, deve permanecer secreto. Basta dizer que o inimigo precisa dobrar os joelhos antes de saltar. E Harris Hull não via joelhos dobrados em parte alguma.

Não obstante, o ataque poderia ocorrer. Afinal de contas, nada é absoluto, em se tratando de indícios do serviço de informações. Ademais, o sistema de BMEWS foi imaginado para registrar apenas os ecos "significativos". E ainda quando um eco é incluído nessa categoria, não se deve identificá-lo como sendo de um míssil até que haja certeza de que não

se trata de um satélite em sua órbita; de que êle se dirige para a América do Norte; finalmente, de que sua trajetória não ultrapassará o continente.

Slemon transmitiu imediatamente ao General Kuter o quadro confuso pintado pelo BMEWS.

—O senhor continua no comando —respondeu Kuter.—Mantenha-me a par dos acontecimentos.

A partir de então, durante o que lhe pareceu uma eternidade, o General Kuter sentiu-se terrivelmente isolado, embora sendo ininterruptamente informado por telefone de tudo o que transpirava.

Utilizando circuitos telefônicos especiais, Slemon chamou as Salas de Operações em Washington, Ottawa e Omaha, mas recomendou aos oficiais de serviço que não convocassem os respectivos chefes. É que o quadro geral ainda não fazia sentido. Slemon, porém, pretendia torná-lo rapidamente compreensível.

O BMEWS—raciocinou êle—estava ainda em estado de choque, muito mais porque começara a operar apenas quatro dias antes. Se havia uma ocasião lógica para perder pé, era aquela. Nenhuma das outras barreiras de radar do NORAD—a Linha Avançada de Alerta Remoto sobre a fríngia setentrional do continente, a do Médio Canadá e a de Pinetree—havia assinalado a menor atividade. Êstes e os outros sistemas de alerta deveriam ser considerados *conjuntamente* no exame de qualquer situação. E agora o General Hull

informava que o número de mísseis registrados pelo indicador de estimativa da incursão excedia de muito as possibilidades militares soviéticas, de acordo com as melhores informações.

O Major-Aviador Barney Szczutkowski, oficial do NORAD responsável pela vigilância aérea em Tule, estudou os ecos nos aparelhos de radar e, por um sistema de intercomunicações a curta distância, informou a Slemon que os objetos se aproximavam voando sobre a Noruega.

—Qual o alcance?—perguntou Slemon.

—Duas mil e duzentas milhas, brigadeiro.

Slemon olhou para o preditor de impacto e para o indicador de tempo restante, ambos ainda imóveis.

—Qual é a velocidade de aproximação?

Tule, porém, não estava em condições de informar. Havia mais objetos voando, mas nenhum havia ainda entrado no campo do radar de nível superior. Além disso, Szczutkowski disse que cada impulso de energia do radar estava levando 75 segundos para retornar com o eco.

Finalmente Slemon teve certeza de que não eram mísseis balísticos intercontinentais; se fossem, os ecos do radar levariam apenas um oitavo de segundo para chegar. Ele transmitiu essa convicção pelas linhas telefônicas especiais informando a respeito o General Kuter.

E assim aquela crise havia passado. Foram necessários exatamente 60 se-

Um passeio inesquecível

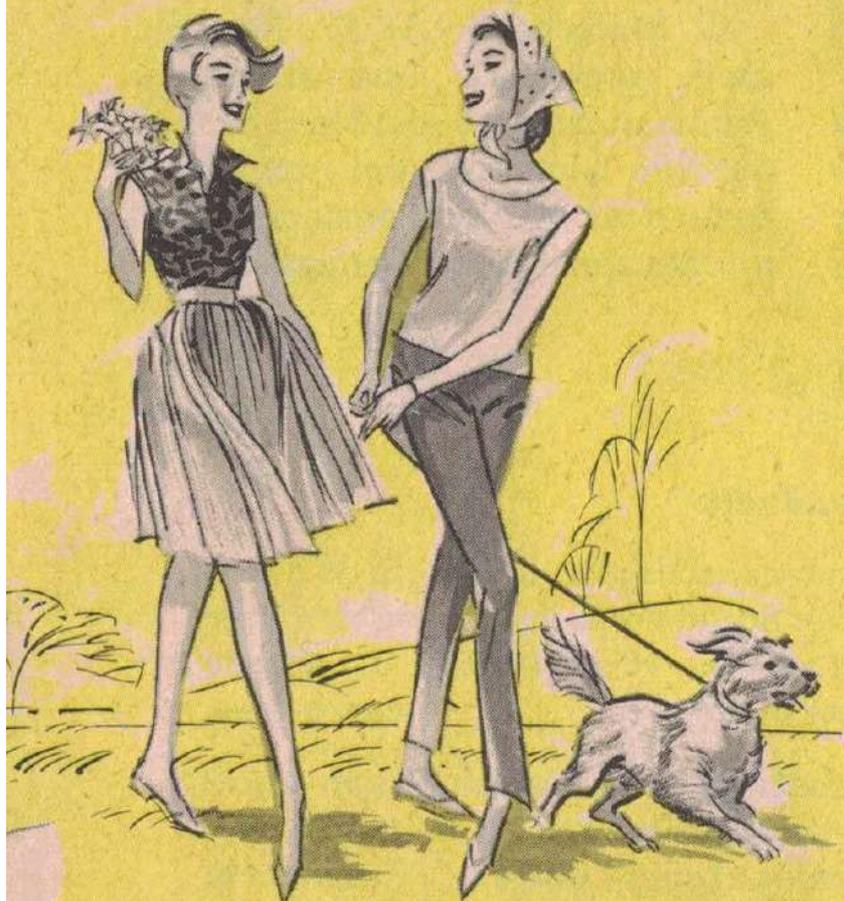
Querida amiga Célia.
 Como vai? Em primeiro lugar, agradeço o magnífico passeio do último fim-de-semana. Na verdade, eu não queria ir, por estar "naqueles dias" — quando me sinto insegura, deprimida... eu estragaria o passeio! Felizmente, você entendeu a minha preocupação e me falou de Modess, com a nova cobertura "Pétala Macia". Comprei uma caixa... e realmente — não há nada tão prático como Modess: usa-se apenas uma vez e joga-se fora. O passeio foi maravilhoso! Sem dúvida, eu não poderia apreciá-lo, não fosse o seu conselho. Modess é ótimo! E pensar que poderei sair, passear quando quiser, sem preocupação... e, nada para lavar!

gundos para que se tomasse a decisão.

Dentro de mais cinco minutos o Estado-Maior de Batalha chegou à conclusão de que o BMEWS *não* tinha funcionado mal; ao contrário, mostrara-se de fato mais eficiente do que fôra previsto. É que havia realmente um objeto que se aproximava, sôbre a Noruega, na direção dos Estados Unidos. A média de ascensão indicava que êle não ultrapassaria a América do Norte. Ao mesmo tempo, o BMEWS deduziu que o ponto de queda não seria no continente; por conseguinte, não poderia haver predição de impacto nem cálculo de tempo restante. O que o BMEWS—com alcance de 3.000 milhas—tinha assinalado era a *Lua*, distante quase um quarto de milhão de milhas.

A razão pela qual o BMEWS informara que o alcance era de 2.200 milhas está em que o sistema, projetado para medir distâncias até 3.000 milhas, não dispunha de elementos para expressar-se em têrmos de centenas de milhares. Conseqüentemente, o aparelho dividiu a distância exata até à Lua por 3.000 e informou o resto da divisão—2.200 milhas—como sendo o alcance. (Desde então, o sistema foi aperfeiçoado de forma a rejeitar os ecos da Lua.)

Explica-se o motivo por que o BMEWS assinalou tantos objetos: seu radar detecta cada um dêles 20 vêzes por segundo, registrando êsses instantâneos em sua memória. Qualquer coisa assinalada depois da vigésima vez é como se fôsse um nôvo

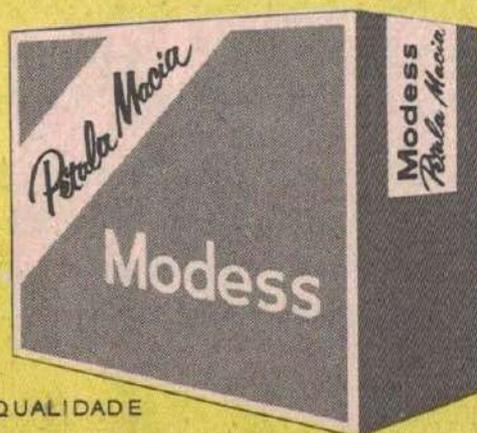


Você que é moderna e prática, merece o conforto e a proteção de Modess com a nova cobertura "Pétala Macia", de rayon e algodão. Não é gaze, nem papel. Usa-se Modess uma vez e joga-se fora... Nada de lavar!

Experimente Modess

com Pétala Macia

— a nova cobertura aveludada



Johnson + Johnson — O NOME QUE GARANTE QUALIDADE

objeto. Além disso, em cada instante o BMEWS detectava *quatro* objetos; a “energia desperdiçada” em cada lado do fecho principal do radar estava também atingindo a Lua e trazendo de volta os sinais característicos—os *blips*—que os mísseis produzem nos aparelhos.

Houve a possibilidade de quase ter sido desencadeada acidentalmente uma guerra nuclear? Nem sequer isso esteve próximo. Nem por um instante o Marechal-do-Ar Slemon dispôs de evidência suficiente para autorizar a ordem de alerta das forças de defesa aérea ou para recomendar ao SAC que ultimasse seus preparativos para a ação. E ainda que o tivesse feito, nem o NORAD nem o SAC têm autoridade para libertar as forças de retaliação, pois isso é da exclusiva competência do Presidente dos Estados Unidos. Ademais, mesmo que a Fôrça de Alerta do SAC tivesse sido lançada na direção dos alvos na União Soviética, se em dado momento ela não rece-

besse uma palavra-código adicional—transmitida por um sistema de comunicações absolutamente seguro—todos os seus bombardeiros regressariam. Mas Roy Slemon apreendeu a situação do dia 5 de outubro tão rapidamente e com tanta segurança que não foi necessário convocar sequer os chefes militares dos Estados Unidos e do Canadá e muito menos o Presidente.

Declarou o General Kuter: “Nenhum inimigo nos apanhará desprevenidos. Mas também jamais iremos à guerra por acidente. Dispomos não só de meios numerosos e seguros para cotejar instantaneamente nossas informações, mas principalmente do fator mais importante de todos: o julgamento disciplinado de profissionais amadurecidos.”

O Marechal-do-Ar C. Roy Slemon comprovou essa afirmativa. Acima de tudo, o incidente de 5 de outubro constituiu um exemplo de como deve agir um comando militar internacional bem organizado.



Enquadrado!

Os QUARTOS bem mobiliados de uma estalagem rural perto do Maine são decorados com bonitas estampas. Se um hóspede, ao ir embora, cede à tentação e retira da parede uma gravura, vê-se diante de um letreiro impresso que ordena: “Ponha aqui outra vez.” —*Globe de Bóston*

JOVENS amantes da arte com tendências para mostrar posição descobriram um meio de revestir suas paredes para receber os amigos. Nas paredes nuas penduraram caprichados letreiros, dizendo: “Emprestado a tal ou tal museu.” —*Cedric Adams, em Tribune de Mineápolis*